



Manifesto da Corrente Sindical Marxista Guilhermo Lora/PPRI ao XXVII Congresso da APEOESP

O Congresso da Apeoesp se realiza em um momento de profundos ataques dos governos à educação, às condições de vida e trabalho dos professores, e ao exercício da organização sindical. Deveria ter como tarefa mais importante erguer os trabalhadores a defenderem suas reivindicações por meio da mobilização. Mas, pelo que podemos ler na Tese 1, da direção do Sindicato, esse será mais um congresso que fará de tudo para ampliar o seu poder da burocracia dirigente, e aprovará uma revisão dos estatutos que fechará completamente o Sindicato a qualquer organização opositora à direção burocrática. Deverá, ainda, aprovar políticas pautadas no apoio ao governo federal e ampliação da conciliação com o governo Tarcísio. Um congresso de luta, e não de conciliação com os governos, trabalharia para armar politicamente os trabalhadores para as lutas mais gerais, como a derrubada das contrarreformas, acompanhado das necessidades específicas, como por exemplo o problema da precarização do trabalho, do desemprego, dos salários e das condições do dia-a-dia nas escolas. O que temos visto é o contrário disso, este ano e nos anteriores vimos a direção do nosso sindicato aprofundar sua conciliação de classe, negando-se a chamar as assembleias para que a categoria pudesse responder unida aos ataques, já se somam vários ataques de Tarcísio/Feder, e nada de assembleia. Já não é de hoje que a burocracia vem agindo assim, a forma da conciliação de classe se aprofundou, depois de 2018, quando a presidente do sindicato vai para o parlamento como deputada. O sindicato substituiu de vez a luta dos professores pela pressão jurídico/parlamentar, deixando o caminho aberto para os governos agirem, impondo seguidos golpes, como a reforma da Previdência, reforma do Ensino Médio, reforma administrativa, a “nova carreira”, ampliação das PEIs, imposição das plataformas digitais, etc. O sindicato deveria ser o espaço da resistência, mas tornou-se o espaço do amortecimento das lutas, as burocracias da esmagadora maioria dos sindicatos os usam como trampolim político, e como força de apoio ao governo burguês de frente ampla. A grande maioria dos partidos e correntes de esquerda, com a falácia de combate ao fascismo e à extrema direita (que hoje integra o governo, e é sua base de sustentação parlamentar), juntamente com as maiores centrais CUT, CTB, Força Sindical, têm feito de tudo para frear as lutas, isolar as que não podem controlar, para deixar o terreno aberto para os governos

seguirem o seu caminho, impondo as diretrizes do capital nacional e internacional.

Neste Congresso, a direção burocrática, que agora conta em seu interior com as principais correntes ligadas ao PSOL (que romperam com uma tradição de lutar contra a burocracia há décadas), quer colocar para fora os partidos e as correntes de oposição que não orbitam em torno do PT/Articulação Sindical. Esse congresso é pensado para aprofundar as medidas para conter as lutas contra os governos, que não vão parar de nos atacar. O recurso utilizado é aprofundar a burocratização do sindicato, por meio de seu estatuto, que já bem antidemocrático (delegados natos, filtros para as eleições, etc.). Medidas como tornar em virtuais as assembleias e reuniões do Conselho de Representantes, mudanças do estatuto que poderão ser feitas pelo Conselho Estadual, e depois referendadas pelo Congresso, de que a eleição poderá ser feita individualmente ou através de chapas, a depender da análise do Conselho Estadual antes do pleito, e, a mais grave, que fere de forma profunda a democracia sindical, a que prevê que uma chapa, para se inscrever ao pleito, tenha inscritos de pelo menos 50% das escolas de uma região. Essa é a manobra mais baixa das burocracias que dirigem a APEOESP, para tentar impedir as correntes menores de atuar no sindicato. Temos de combater esse vergonhoso rebaixamento da democracia interna do sindicato.

Como podemos ver, a burocracia quer o caminho livre para negociar com o governo e patrões os ataques no parlamento ou negociar e quando, nenhuma coisa ou outra, judicializar os ataques, sem qualquer interferência dos setores que ainda guardam uma tradição de luta. Para isso, aprofunda seu estatuto já burocratizado. Se antes a burocracia pisoteava a democracia sindical, agora a nega completamente. O sindicato que hoje se encontra bem distante das bases tenta isolar-se dela, e ficando o mais fechado possível a qualquer oposição à sua direção.

É urgente denunciarmos o que tem acontecido em todos os congressos, onde as burocracias têm passado um rolo compressor na democracia sindical e convertido as centrais e sindicatos em pontos de apoio ao governo federal, e a completa anulação das lutas nos estados e municípios, com a política de pressão parlamentar, abandonando completamente as reivindicações mais elementares dos explorados. A degradação das condições salariais e do trabalho é parte da destruição embutida nas contrarreformas em curso, essas medidas atingem o conjunto dos as-

salariados, que têm visto suas condições de existência minguar cada vez mais.

Professores e professoras, nossos mais sentidos problemas são consequência da crise mundial do capitalismo, de sua decomposição enquanto modo de produção. Cada problema que vivemos, e todos eles, decorrem da cada vez maior dificuldade de realização da reprodução ampliada de capital, assentada na exploração do trabalho assalariado. As potências capitalistas, exportadoras de capital financeiro, vivem a realidade da desindustrialização e retrocesso econômico no seu conjunto. Os EUA, Europa e Japão vivenciam nas últimas décadas a queda brutal em sua participação na indústria e agricultura mundiais. Ao mesmo tempo, e ocupando cada vez mais seus lugares, a China em primeiro lugar, mas também a Rússia em menor grau, avançam sobre os espaços produtivos e comerciais criados a partir do retrocesso dos países imperialistas. O mundo se encontra sob os choques entre as economias capitalistas imperialistas em decomposição contra as economias nacionalizadas pelas revoluções proletárias, ainda que controladas por burocracias contrarrevolucionárias e restauracionistas.

Diante desse quadro, o capital financeiro só pode responder à crise e preservar seus lucros por meio de ataques profundos às condições de vida e trabalho das massas, a mais crises econômicas destrutivas, e a guerras, como as que ocorrem na Ucrânia, Síria e na África.

Por meio das contrarreformas, impõe cortes de salários direitos e indiretos (direitos sociais). São mudanças previdenciárias, mudanças nas leis trabalhistas, tanto no setor público quanto privado, mudanças nos serviços públicos, como educação e saúde, etc. Todos esses golpes são orquestrados para garantir o parasitismo das burguesias sobre os cofres públicos, para garantir a impagável dívida pública, e aumentar a super exploração do trabalho assalariado a níveis do século XIX. O liberalismo burguês está morto, as frações capitalistas recorrem ao Estado para se sustentarem, seja pelo parasitismo financeiro, pelas privatizações, pelos subsídios, etc. – é o intervencionismo estatal que mantém vivo o capitalismo moribundo.

No Brasil, o governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin cumpre esse papel, o de continuar impondo aos explorados as contrarreformas, iniciadas por Temer e Bolsonaro. Não é à toa que Lula, depois de 8 meses de mandato, não pode tocar em nenhuma das contrarreformas já feitas, nem as privatizações que foram feitas no último período. A votação do Arcabouço Fiscal, no dia 22 de agosto, é uma prova

concreta de como os petistas, os mesmos que chamaram o teto de gastos de “PEC do fim do mundo” no governo de Temer, agora de mãos dadas com o PSOL e partidos da extrema direita, votaram juntos, impondo este golpe contra a economia nacional e os serviços sociais públicos, para garantir o pagamento da dívida aos parasitas. A reforma tributária, votada às pressas para aumentar a isenção dos empresários, e aumentar a arrecadação sobre os explorados, o Plano Safra, que despejará uma fortuna na conta dos ricos do agronegócio, são mais exemplos do caráter antinacional e antipopular da política econômica do governo.

No setor fabril, já virou moda as transnacionais fecharem suas portas, indo embora ou levando suas plantas para outros estados, arrastando junto o fechamento de outros setores ligados a elas, deixando para trás um lastro de desemprego, fome e miséria, como a FORD, que deixou o país depois de mais de 100 anos, e a LG e suas subsidiárias, que saiu de Taubaté para o Amazonas. A postura das direções sindicais, tanto as cutistas quanto as mais à esquerda, como a CSP-Conlutas, se negaram a erguer a bandeira de ocupação das fábricas e estatização com controle operário, para defender os empregos; ao contrário, conduziu e conduz as lutas para o terreno da burguesia, de pressão parlamentar ou a judicialização, com o que chamaram de “uma negociação que dê a melhor indenização”, que é a prova concreta da traição.

No setor privado, avançam, a todo vapor, as terceirizações e até a terceirização dentro da própria terceirização, com um gigantesco aprofundamento da exploração da força de trabalho. Voltamos numa guinada muita rápida às condições de trabalho dos séculos XVIII e XIX, quando no início a industrialização impunha jornadas estafantes de mais de 12 horas, com uma imensa exploração da força de trabalho, é o que se passa hoje com os trabalhadores de aplicativos, com as equipes de limpezas das escolas, com as merendeiras por exemplo.

Vivemos sob uma terrível crise de direção revolucionária. A vanguarda dos explorados tem como urgente a tarefa de erguer a bandeira de **Oposição Revolucionária ao Governo Lula/Alckmin nesse congresso!** Defender a organização das massas, partindo de suas lutas específicas, ligando-as às lutas mais gerais. Essa direção pelega e traidora é incapaz de erguer o conjunto do magistério para enfrentar os governos. Por isso, a tarefa também é de salvar o sindicato do governismo, trazê-lo de volta à independência de classe, e resgatar os métodos da ação direta com as paralisações, greves, bloqueios das avenidas e ocupações. ●

Resgatar o sindicato para a luta com independência de classe!

Erguer as lutas para derrubar as Reformas Previdenciária, trabalhista, do Ensino Médio!

Combater o arcabouço fiscal com lutas, chega de discurso vazio!